



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA – DEPSI

JÚLIA BOAZ RODRIGUES

**AS POSSÍVEIS REVERBERAÇÕES DOS PADRÕES ESTÉTICOS NA SAÚDE DA
MULHER: reflexões gestálticas.**

SÃO LUÍS

2019

JÚLIA BOAZ RODRIGUES

**AS POSSÍVEIS REVERBERAÇÕES DOS PADRÕES ESTÉTICOS NA SAÚDE DA
MULHER: reflexões gestálticas.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Ma Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira.

SÃO LUÍS

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Rodrigues, Júlia Boaz.

As possíveis reverberações dos padrões estéticos na
saúde da mulher : reflexões gestálticas / Júlia Boaz
Rodrigues. - 2019.

45 f.

Orientador(a): Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira.

Curso de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão,
São Luís, 2019.

1. Abordagem gestáltica. 2. Mulher. 3. Padrões
estéticos. 4. Saúde. I. Ferreira, Wanderlea Nazaré
Bandeira. II. Título.

JÚLIA BOAZ RODRIGUES

**AS POSSÍVEIS REVERBERAÇÕES DOS PADRÕES ESTÉTICOS NA
SAÚDE DA MULHER: reflexões gestálticas.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, com formação em Psicólogo.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Nota média: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Wanderléa Bandeira Ferreira (Orientadora)
Mestre em Psicologia Clínica
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Denise Bessa Leda (Examinadora)
Doutora em Psicologia Social
Universidade Federal do Maranhão

Psicóloga Lívia Maria Guedes de Lima Andrade (Examinadora)
Especialista em gestão de pessoas e Psicopedagogia
Faculdade Inspirar

Profª. Ma. Alice Parentes da Silva Santos (Suplente)
Mestre em Saúde Coletiva
Faculdade Pitágoras – São Luís

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter a benção de sentir a sua companhia em todos os instantes de minha existência.

Agradeço ao meu pai e minha mãe que dedicaram grande parte de sua vida à transmissão do amor por mim e meus irmãos e por sempre batalharem para serem pessoas melhores. Àqueles que sempre estiveram ao meu lado, nos piores e melhores momentos e a quem mais admiro nessa vida.

Aos meus irmãos, Joice e Jordan, com quem tenho o privilégio de partilhar a vida. Estar ao lado deles significa aprender a amar e ser amada em gestos e em partilha.

Aos meus queridos priminhos, Alexandre e Vinícius, que são como meus irmãos mais novos, aos quais eu devo grande parte de minha felicidade. É incrível presenciar o crescimento e suas singularidades.

Aos meus primos, Naiane e Nailson, que sempre escolhem estar perto de mim e a qual a nossa conexão e amor é inexplicável e vai além dos laços familiares.

Às minhas tias Conceição e Graça que sempre estiveram a disposição para ajudar em meu crescimento e dos meus irmãos. Dedico todo o meu esforço como forma de gratidão aos seus.

Àqueles os quais tive a sorte de conhecer nos percursos da vida, agradeço:

Wanda, por toda dedicação, paciência, amor, empatia, carinho, acolhimento e cuidado. E por seu papel fundamental na minha formação e crescimento pessoal.

Sávia, pelo companheirismo e apoio nos momentos felizes e tristes, por transmitir bondade, gentileza, coragem e humildade onde quer que vá.

Laisse, pelos ensinamentos, por transmitir uma confiança incrível, pela alegria e sinceridade, pelas nossas histórias, por nossos perrengues que só nós vivenciamos.

Bia, pela gentileza e amabilidade, por todas as nossas risadas e nossas histórias, todos os momentos de escuta e partilha.

Juliana, por ser uma fonte de inspiração e força, agradeço por todo o cuidado e preocupação, por sempre estar ao meu lado, mesmo diante de tantos empecilhos.

Apoena, por sempre estar disposta a nos alegrar, por todas as piadas inteligentes e risadas, por todo o senso de justiça, sensibilidade, atenção e delicadeza.

Polyanna, por estar sempre disposta a apoiar a todos. Agradeço pela dedicação, pela gentileza.

Fillipe, pelo carinho, aprendizado e piadas, pelos momentos de alegria e conversas jogadas fora.

Mariana e Laine, que sempre irão permanecer em mim, por todos os momentos que vivenciamos e os sentimentos bons.

Agradeço a todos aqueles que passaram pela minha vida. Todos os professores, colegas de faculdade, escola, familiares, vizinhos que contribuíram na construção da minha história.

Por fim, agradeço ao GEGT- Integrar, pelas aprendizagens a partir do contato com a abordagem gestáltica e todas as vivências que tive e compartilhei com todos os presentes.

RESUMO

Os padrões estéticos são mutáveis, pois pertencem a uma realidade histórica, social, cultural e econômica. As formas como essas construções perpassam a identidade da mulher, então, também são modificadas perante as exigências da sociedade. A associação histórica entre a beleza e o feminino percorre a sociedade ocidental e deixa marcas no singular de cada mulher e homem que compartilham de suas vidas e vivências nessa cultura. Cabe, assim, a compreensão da história desse processo no Brasil. A aceitação dos padrões estéticos impostos pela cultura de modo introjetivo, como se esses fossem naturais e tivessem uma essência, gera sofrimento pela alienação de si e seus valores, crenças, pensamentos, modos de agir, que na singularidade de cada um, pode ser contraditório ao imposto em sociedade. A presente pesquisa propõe-se a analisar as implicações dos padrões estéticos na saúde da mulher brasileira a partir de uma reflexão gestáltica, com os objetivos específicos de historicizar as mudanças ocorridas no padrão estético feminino e suas implicações sociais, caracterizar as representações sociais do feminino na sociedade brasileira do século XXI e compreender os processos de saúde e doença, a partir da interlocução com os conceitos de contato, fronteira-de-contato, *Self*, campo fenomenológico, neurose e ajustamentos criativos. Trata-se de uma revisão bibliográfica que contempla a temática abordada, apoiada por uma análise de viés qualitativo dos dados encontrados, com base numa perspectiva gestáltica para compreender o fenômeno escolhido para investigação. Assim, conclui-se que as mulheres que se apresentam saudáveis, diante de todas as exigências sociais perante o ideal de belo, são aquelas que entram em contato com suas singularidades e estão em congruência entre seu modo de pensar, agir, sentir, suas experiências de vida e o que é imposto pela sociedade, estando em uma relação de equilíbrio e no movimento flexível e dinâmico no seu contatar consigo e com o meio. Desse modo, elas são capazes de se apoderar de sua criatividade, espontaneidade e autenticidade, no processo de autossuficiência e de desenvolvimento de uma autoestima elevada.

Palavras-chave: Padrões estéticos. Mulher. Saúde. Abordagem gestáltica.

ABSTRACT

The aesthetic standards are mutable, as they belong to a historical, social, cultural and economic reality. The ways in which these concepts permeate the identity of women, then, are also modified according to society's demands. The historical association between beauty and the feminine runs through western society and leaves unique marks on every woman and man who lives their lives and experiences in this culture. Thus, it is important to understand the history of this process in Brazil. The acceptance of the aesthetic standards imposed by culture introjectively, as if they were natural and had an essence, generates suffering for the alienation of themselves and their values, beliefs, thoughts, ways of acting, which in their uniqueness can be contradictory to society's imposition. This research proposes to analyze the implications of the aesthetic standards on the health of Brazilian women from a gestalt reflection, with the specific objectives of historicizing the changes in the feminine aesthetic pattern and its social implications, characterizing the social representations of the feminine in the Brazilian society in the 21st century and understanding the processes of health and disease, from the interlocation with the concepts of contact, contact-frontier, Self, phenomenological field, neurosis and creative adjustments. This is a bibliographic review that covers the thematic approached, supported by a qualitative analysis of the data found, based on a gestalt perspective to understand the phenomenon chosen for investigation. Thus, it is concluded that women who are healthy in the face of all social demands and the ideal of beauty are those who come into contact with their uniqueness and are in congruence between their way of thinking, acting, feeling, their life experiences and what is placed by society, being in a balanced relation and in a movement flexible and dynamic in their self-contact and contact with the environment. In this way, they are able to seize their creativity, spontaneity and authenticity in the process of self-sufficiency and the development of high self-esteem.

Keywords: Aesthetic patterns. Woman. Health. Gestaltic Approach.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA.....	12
3 REFERENCIAL TEÓRICO	14
3.1 RESGATE HISTÓRICO DOS PADRÕES ESTÉTICOS FEMININOS.....	14
3.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO FEMININO.....	20
3.3 A COMPREENSÃO DE SAÚDE E DOENÇA NO ENFOQUE DA ABORDAGEM GESTÁLTICA	27
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

A temática escolhida para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) perpassa minha vivência enquanto mulher em uma sociedade que nos submete a padrões estéticos e priorizam a estética corporal feminina a demais características humanas. Assim, a beleza é sinônimo de poder, já que cabe às mulheres o poder de sedução (NOVAES; VILHENA, 2003) e as representações sociais do feminino insistem em pensar a feminilidade como aparência, beleza e corpo, e aprisioná-las a esses estereótipos (MOTA-RIBEIRO, 2005). Compõe as minhas vivências, também, os sofrimentos que atravessam a fala e os corpos de todas as mulheres a quem tenho contato enquanto filha, irmã, amiga e estudante de Psicologia.

Mesmo que as mulheres já tenham conquistado espaços que vão além do ambiente doméstico e ganhado maior liberdade financeira e sexual, fruto de interesses econômicos e avanços científicos (KEHL, 2003), a prisão do enquadramento da beleza ideal e a possibilidade de poder a partir dela ainda estão presentes em nossa sociedade.

Fez-se necessário, para o desenvolvimento do trabalho, uma explanação sobre a história dos padrões estéticos na cultura brasileira. Isso foi possível a partir do levantamento e leitura de estudiosos no assunto de áreas como a História e Moda, Administração, Direitos Humanos, Educação Física, Letras e Psicologia com autores como Caleiro e Gusmão (2012), Araújo e Meneses (2011), Sant'Anna (2003), Cheung-Lucchese e Alves (2013), Ghisleni e Lucas (2016), Russo (2005), Witzel (2014), Novaes e Vilhena (2003), Heinzelman et al (2012), Montefusco e Lima (2015), Nascimento e Silva (2014), respectivamente (os quatro últimos autores são da área da Psicologia).

Nessa referida seção há uma análise de como os padrões estéticos são mutáveis, a depender das características sociais, econômicas, políticas de cada sociedade em seu período da história, ainda que exista uma associação histórica entre beleza e feminino, que é explorado a partir de referências a essa temática desde a Idade Antiga no ocidente, perpassando pelas Idades Média, Moderna e Contemporânea, essa última com enfoque na história dos padrões de beleza brasileiros dos séculos XX e XXI.

Foram utilizados, também, obras que explanaram sobre o conceito de representação social, com base na noção desses fenômenos a partir de Moscovici (2003), com auxílio, também, das discussões de Jodelet (2001), na segunda seção da fundamentação teórica. Para a ampliação das representações sociais do feminino, foram utilizados os trabalhos de Swain (2001), Novaes e Vilhena (2003), Mota-Ribeiro (2005), Ferraz e Seralta (2007), Moreira e Nogueira (2008), Sampaio e Ferreira (2009), Miranda (2011), Pinheiro e Figueiredo (2012),

Jager et al (2017), Bôas, Camargo e Rosa (2017), Cunico et al (2018) e Castro, Giacomozzi e Camargo (2018).

Nessa seção há, inicialmente, uma explanação teórica sobre o que são representações sociais, seguida de referências que trazem as diferentes representações sociais do feminino na história da cultura ocidental até o que vem de mudanças e permanências dessas construções no Brasil do século XXI.

A temática atravessa vários campos da sociedade e da subjetividade humana. Ela se apresenta em pesquisas e discursos multidisciplinares como na Antropologia, na Sociologia, no Marketing, na Moda, pelas implicações sociais, econômicas, culturais, históricas desse fenômeno (CALEIRO; GUSMÃO, 2012; ARAÚJO; MENESES, 2011; SANT'ANNA, 2003; CHEUNG-LUCCHESI; ALVES, 2013; GHISLENI; LUCAS, 2016; RUSSO, 2005; NOVAES; VILHENA, 2003). Desse modo, constata-se, também, a necessidade da compreensão desse fenômeno pelo olhar da Psicologia, especificamente, a partir da abordagem gestáltica, por tratar-se de um assunto ainda pouco ampliado por essa ciência, já que não foi encontrado nenhum material científico sobre a temática a partir desse viés.

No campo da Psicologia fez-se necessário uma leitura sobre conceitos da abordagem gestáltica, em especial, no que tange a compreensão dos processos de saúde e doença para a produção da terceira seção, a partir da interlocução com os conceitos: contato, fronteira-de-contato, *Self*, campo fenomenológico, neurose e ajustamentos criativos, utilizando as contribuições de autores clássicos como: Perls (1988); Perls, Hefferline e Goodman (1997) e outros teóricos contemporâneos como Ginger e Ginger (1995); Holanda (1998); Miranda (2003); Muller-Granzoto e Granzoto (2004); Carvalho (2007); Silva, Baptista e Alvim (2015) e Cardella (2017).

É fato que as imposições do belo e do feio no corpo feminino atravessam as relações sociais e comprometem a percepção da forma como os indivíduos percebem seus corpos, seja isso de forma saudável ou adoecedora, enquanto empoderamento ou enfraquecimento. Posto isto, a proposta de refletir essa temática a partir do referencial gestáltico remete a pensar outras formas de experienciar e confrontar com as imposições que enquadram as mulheres e que essas possam escolher conscientemente a sua forma de funcionamento mais saudável, a forma possível para a sua expressão na vida. Sendo esse saudável, por esse ponto de vista (PERLS, HEFFERLINE, GOODMAN, 1997), como a sua forma autêntica e criativa de portar-se no mundo.

Diante do exposto, a problemática central da pesquisa gira em torno de como os padrões estéticos pautados no ideal de beleza feminino do século XXI no Brasil afetam a

saúde da mulher, por considerar que se trata de um fenômeno complexo que envolve diversas áreas da sociedade e a expressão na singularidade vivenciada pela mesma, implicando em questões como saúde pública e privada, economia, cultura, história, mídias e tecnologias (CALEIRO; GUSMÃO, 2012; GHISLENI; LUCAS, 2016; NOVAES; VILHENA, 2003).

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar as implicações dos padrões estéticos na saúde da mulher brasileira a partir de uma reflexão gestáltica, com os objetivos específicos de historicizar as mudanças ocorridas no padrão estético feminino e suas implicações sociais, caracterizar as representações sociais do feminino na sociedade brasileira do século XXI e compreender os processos de saúde e doença, a partir da interlocução com os conceitos de contato, fronteira-de-contato, *Self*, campo fenomenológico, neurose e ajustamentos criativos.

Portanto, essa pesquisa se propõe a ser realizada a partir de uma revisão bibliográfica que contempla a temática abordada, apoiado por uma análise de viés qualitativo dos dados encontrados, com base numa perspectiva gestáltica para compreender o fenômeno escolhido para investigação. O levantamento bibliográfico foi realizado através das bases de dados como Scielo e Pepsic com os descritores: “mulher e beleza”, “beleza e estética”, “beleza e estigma”, “estética e mulher”, além de acervos teóricos da abordagem gestáltica. As referências utilizadas neste trabalho foram publicadas entre os anos de 1988 a 2018.

Sendo assim, busca-se, a partir desse estudo, a compreensão dos processos de saúde e doença das mulheres que vivenciam diariamente as imposições do belo. O intuito dessa pesquisa é colaborar na promoção de narrativas sobre esse fenômeno e garantir acesso a uma diferente leitura por parte do público feminino em especial, no entanto, não limitando-se apenas a esse, contribuindo, assim, com pesquisas e produções científicas, para que o conhecimento seja difundido e as mulheres que são afetadas por esse fenômeno tenham acesso e benefícios.

Esse TCC está estruturado em um referencial teórico, no qual a seção 2.1 é intitulada de “Resgate histórico dos padrões estéticos femininos”, a seção 2.2 de “As representações sociais do feminino” e a 2.3 de “A compreensão de saúde e doença no enfoque da abordagem gestáltica”. Em seguida, encontra-se a metodologia, a análise e discussão, as considerações finais e as referências, respectivamente.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho de conclusão de curso foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica que contempla a temática “As possíveis reverberações dos padrões estéticos na saúde da mulher: uma reflexão gestáltica”, apoiado por uma análise de viés qualitativo dos dados encontrados, com base numa perspectiva Gestáltica para compreender o fenômeno escolhido para investigação.

Levantando o problema de como os padrões estéticos pautados no ideal de beleza feminino do século XXI no Brasil afetam a saúde da mulher, o objetivo geral desta pesquisa foi o de analisar as implicações dos padrões estéticos na saúde da mulher brasileira a partir de uma reflexão gestáltica, com os objetivos específicos de historicizar as mudanças ocorridas no padrão estético feminino e suas implicações sociais, caracterizar as representações sociais do feminino na sociedade brasileira do século XXI e compreender os processos de saúde e doença, a partir da interlocução com os conceitos de contato, fronteira-de-contato, *Self*, campo fenomenológico, neurose e ajustamentos criativos.

A escolha do método qualitativo deveu-se pela compreensão de que o fenômeno social em questão possui interrelações complexas e dinâmicas, exigindo sua compressão total, não sua fragmentação por meio de variáveis (REY, 2005) e essa modalidade de pesquisa centra-se na compreensão da dinâmica das relações sociais, preocupando-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados (FONSECA, 2002).

Dada a complexidade da temática sobre as influências dos padrões estéticos na saúde da mulher e a compreensão das relações sociais, econômicas, psicológicas que envolvem o fenômeno e o entendimento que os dados levantados são não-métricos (SILVEIRA; CORDOVA, 2009), não convinha uma análise quantitativa do objeto de pesquisa em questão.

Optou-se pela pesquisa bibliográfica enquanto modalidade de pesquisa. Essa se caracteriza pelo levantamento de livros, artigos científicos, páginas de web sites, em suma, referências teóricas já analisadas e publicadas (FONSECA, 2002). Esse autor detalha que:

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (p. 32).

A pesquisa bibliográfica passa por oito fases: a escolha do tema, a elaboração do plano de trabalho, a identificação, a localização, a compilação, o fichamento, a análise e interpretação e a redação (LAKATOS; MARCONI, 2003). O primeiro momento foi o de

escolha da temática, realizada pelo interesse da pesquisadora em questão e a compreensão que a problemática atravessa diariamente a vida de diversas mulheres, sendo necessária uma investigação científica do tema. A segunda etapa foi a de planejamento das etapas da construção da pesquisa, para a organização e conclusão dessa em tempo hábil. A redação final gerou o material aqui apresentado.

O terceiro momento foi o de levantamento bibliográfico, seguido da fase de localização de obras realizado através das bases de dados como Scielo e Pepsic com os termos de buscas “mulher e beleza”, “beleza e estética”, “beleza e estigma”, “estética e mulher”, além de acervos teóricos clássicos da abordagem gestáltica, com os escritos de Perls (1998); Perls, Hefferline e Goodman (1988) e outros teóricos contemporâneos dessa abordagem como Cardella (2017); Carvalho (2007); Ginger e Ginger (1995); Holanda (1998); Miranda (2003); Muller-Granzoto e Granzoto (2004); Silva, Baptista e Alvim (2015). As referências foram publicadas entre os anos de 1988 a 2018.

A análise e compreensão dos resultados foram feitos com base na Abordagem Gestáltica. Alguns conceitos Gestálticos foram escolhidos para nortear o trabalho como contato, fronteira-de-contato, *Self*, campo fenomenológico, neurose e ajustamentos criativos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 RESGATE HISTÓRICO DOS PADRÕES ESTÉTICOS FEMININOS

Os padrões estéticos são mutáveis, pois pertencem a uma realidade histórica, social, cultural e econômica (PINHEIRO; FIGUEREDO, 2012). As formas como essas construções perpassam a identidade da mulher, então, também são modificadas perante as exigências da sociedade. Esse fenômeno é um emaranhado complexo e como tal, deve ser compreendido a partir de sua totalidade, ou ao menos, o que for possível de ser apreendido de seu recorte (CALEIRO; GUSMÃO, 2012; GHISLENI; LUCAS, 2016; NOVAES; VILHENA, 2003).

Mesmo que as formas como esse padrão se estabelecem estejam em constante modificação, é importante pontuar que há uma associação histórica entre a beleza e o feminino, cabendo, assim, às mulheres, um peso social maior diante das demandas estéticas pertinentes nos diferentes períodos (VILHENA, MEDEIROS, NOVAES, 2005). A associação entre beleza e feminino aparece na história do mundo ocidental desde a Idade Antiga, com a mitologia, como apontam esses autores:

Na abordagem da consciência mítica a disputa por Tróia foi um confronto entre três deusas e uma mortal em torno da beleza. O pomo de ouro que produziu a discórdia deveria ser entregue a mais bela entre Atená, Hera e Afrodite. Esta última, filha das espumas das ondas – provocadas pelo esperma de Crono que se precipitou ao mar quando este foi castrado por seu filho Zeus –, tornou-se a deusa da sedução. Paris, filho do rei de Tróia, deveria julgar qual delas era a mais bela. Hera, prometeu-lhe as terras da Ásia. Atená, ofereceu-lhe a Sabedoria e a vitória em todos os combates. Afrodite, no entanto, foi a vencedora. Para tanto, prometeu à Paris tão somente o amor da mais bela mortal: Helena, esposa de Menelau, o rei de Esparta (VILHENA, MEDEIROS E NOVAES, 2005, p.119-120).

Essa associação transforma-se na Idade Média com a forte narrativa religiosa e cristã que baseia a cultura ocidental nessa época. Há uma dicotomia entre o bem e o mal enquanto representações femininas a partir de duas figuras no mundo judaico-cristão: a primeira, Eva, seria a representação da culpa pelo pecado original, afinal, suas ações de ceder às tentações e seduzir Adão a fazer o mesmo os levaram à expulsão do Paraíso, em razão dessa justificativa, a beleza feminina na Idade Média passou a ser sinônimo de tentação, pecado. A segunda figura, Maria, representa um contraponto a essa imagem, ao simbolizar a pureza, a inocência, a castidade (VILHENA, MEDEIROS, NOVAES, 2005). Caleiro e Gusmão (2012) também falam dessa dicotomia, ao afirmar que esse “[...] corpo feminino sofreu algumas ‘tensões’ próprias, entre o bem e o mal. Entre o bem se destacavam a procriação, a castidade, o cuidado com a família; entre o mal, destacava-se a luxúria, a prostituição, a perversão da alma” (p.1). Há, assim, o controle dos corpos e sexualidade femininos a partir da religiosidade.

Na modernidade, com o advento do Iluminismo, houve a dessacralização do corpo. Assim, ocorreu um afastamento das concepções medievais sobre aquele, que passou a ser humanizado e objeto das ciências a ser estudado (CALEIRO, GUSMÃO, 2012). No entanto, quando levadas em consideração as representações de beleza feminino, existia ainda um vínculo forte com as ideias antigas, no sentido de não haver o total desprendimento da associação de culpa e pecado da imagem da mulher, porém a beleza já é admitida, desde que recatada. À beleza é atribuída a harmonia das formas e equilíbrio das proporções (VILHENA, MEDEIROS, NOVAES, 2005).

Nessa época, de acordo com Vilhena, Medeiros e Novaes (2005), vários filósofos justificaram as imposições culturais do feminino a partir de suas teorias, como Kant ao conceber a mulher como ser de razão e como tal, naturalmente, essas se estabeleceriam na sociedade no papel de reprodutoras da espécie, reservadas à família. Hegel, ao discutir sobre as esferas públicas e privadas, estabeleceu que a primeira é reservada à figura masculina, enquanto ao feminino destina-se o privado: da família e amor. Rousseau, por outro lado, afirmou que a mulher possui uma natureza de voracidade sexual, o que impossibilita de submetê-las às leis culturais se não pelo pudor e vergonha, enquanto para os homens, bastam a razão. Sendo assim, o casamento e o nascimento de seus filhos, para as mulheres, são ferramentas necessárias para a sua introdução na cultura. Diante disso, o “[...] ideal de beleza feminina retrata, então, esta mulher socializada. O recato, a doçura, a fragilidade e a submissão serão as características enaltecidas pela estética da Modernidade. Aos olhos do Iluminismo, a beleza vil e demoníaca da Idade Média foi domesticada” (p.122-123).

Witzel (2014) relata que com a descoberta dos ovários e sua função e do ciclo menstrual, no século XVIII, há um novo discurso que delimita o papel do feminino, a partir da Medicina e da Biologia, isso porque com o entendimento do funcionamento biológico das mulheres enquanto seres responsáveis por conceber a vida, isto é, meros receptáculos, ocorre a destituição de um papel ativo em sua sexualidade, e sua dessexualização, impondo-se, assim, um controle social sobre seus corpos.

Assim, o poder médico, legitimado para produzir efeitos de verdade, impôs novas delimitações e determinações normativas; sedimentou a definição dos papéis sociais e sexuais para os homens e as mulheres; delineou cientificamente as marcas da fragilidade e da conseqüente necessidade de cuidados e de proteção. A medicina, ao comprovar que as tradicionais funções de ambos os sexos estavam legitimamente vinculadas aos aspectos anatômicos e biológicos, estabilizou as certezas de que as mulheres eram seres mais fracos, débeis, limitados às condições de um corpo que sangra e que engravida. Os efeitos disso tudo, ainda hoje, normatizam, julgam, discriminam, orientam, classificam, obrigam, coagem... trazendo sempre consigo efeitos específicos de poder médico masculino. (WITZEL, 2014, p.532)

No Brasil, o cuidado com o corpo e as construções dos padrões estéticos estiveram, no final do século XIX, fortemente atrelados à Medicina, como constatado por Araújo e Meneses (2011) em sua pesquisa. É a partir da leitura de Foucault que esses autores estabelecem uma relação entre a Medicina, o capitalismo e o corpo. Esse último é visto como uma ferramenta para a exploração do trabalho capitalista e, por isso, deve ser controlado. “O corpo passava, assim, a ser esquadrihado pela medicina, sendo possível constatar uma relação entre a medicina, o capitalismo e o conceito de disciplina. Um corpo saudável, dócil e submisso, fabricado pela disciplina, permitiria uma maior exploração da força de trabalho” (p.3).

De acordo com os autores acima, no século XX, no Brasil, a medicina higienista ganhou uma grande força como forma de controle social, especialmente levando em consideração o peso atribuído a essa ciência no país. Nesse sentido, as práticas com o objetivo de “[...] garantir aos corpos força física, vigor, robustez, dinamicidade e energia, a serem conquistadas, também, com a prática dos banhos de mar, dos passeios ao ar livre, da ginástica, do não uso do espartilho” (p.3) são estimuladas para o desenvolvimento pela população. Assinalam ainda que, especialmente ao que se refere ao controle dos corpos femininos, a ginástica entra em cena como uma possibilidade de alcance de mudança de sua herança genética e, então, seus próprios corpos são tratados como produto, um investimento econômico. “A ginástica passou a ser justificada pelo seu caráter educativo, pelo caráter terapêutico e pelo desenvolvimento da força e da beleza. Ela passou a ser associada à saúde, qualidade de vida, longevidade e beleza” (p.3). Enfatiza-se para um discurso que vai além da possibilidade de saúde, mas garante beleza e longevidade.

E nesse panorama a beleza passou a ser vista como um resultado da dedicação das mulheres a esse setor, a cosmetologia ganhou força no país, virando uma ciência independente (SANT’ANNA, 2003). Essa autora contextualiza o momento vivido pelo país nesse século, exemplificando que:

Para as “brotinhos” dos anos 60, por exemplo, que abandonavam o lânguido glamour dos vestidos rabo de peixe dos anos 40 e ingressavam na moda do prático jeans ou do refrescante sex-appeal em voga, não bastava parecer bela: o uso das tradicionais “cinturitas” (pequenos espartilhos) seria substituído pelos novos regimes e ginásticas, o soutien de bojo daria lugar à uma nova exigência de endurecimento do busto através de exercícios e cirurgias, o advento do biquíni seria acompanhado pelo dever e o prazer de bronzear o ventre: em breve, seriam inventadas as novas vilãs femininas da beleza: celulite e estrias. Tornando-se mais fácil liberar e despir o corpo, aumenta a necessidade de vesti-lo e nutri-lo com produtos de beleza, e mais tarde, também, com músculos e próteses (SANT’ANNA, 2003, p.148).

A cosmetologia é chave para as novas compreensões sobre a estética feminina. Sant’Anna (2003) afirma que com o advento da cosmética, a estética passou a ser democrática, perdendo o status de um dom divino e natural, para algo que pode ser acessível a todos, em qualquer local e hora. Torna-se algo mais privativo e individualizado. Da mesma forma, abre-se um espaço para o entendimento de que a beleza é algo alcançável, não é belo quem não quer desprender seu tempo para a estética. Para as mulheres, no entanto, a busca pela beleza surge como uma obrigação, diferente do que ocorre com os homens, como Novaes e Vilhena (2003) afirmam:

Contrariamente ao que acontece com o grupo dos homens, no universo feminino a rigidez é de tal ordem que não há justificativa possível para o não atendimento dos imperativos da beleza. Enquanto no universo masculino o desvio com relação ao padrão de beleza está vinculado à falta de tempo, em função do ritmo atribulado da vida profissional, para as mulheres, não cultivar a beleza é falta de vaidade – um qualitativo depreciativo da moral (p.28).

Nesse movimento é visível a força do capitalismo no controle dos corpos. No século XX, com o advento de novas formas de mídia, a estética feminina, em especial, ganhou força como meio de investimento econômico, que pode ser transformado, de acordo com os instrumentos que a pessoa tiver acesso. O corpo comparece, agora, como objeto de consumo, assim como afirmam Caleiro e Gusmão (2012, p.3): “Os cuidados com o corpo – que se transformam em fonte de investimento da indústria – e a preocupação em esculpir a silhueta começam a se tornar um dever com destaque especial para as mulheres”.

Com o culto à aparência e a obrigatoriedade da beleza vinculada à imagem feminina diante de um discurso que garante a possibilidade de alcance dessa beleza a partir do avanço de diversos meios de estéticas que são passíveis de serem adquiridos por meio do capital, surgiram novas formas de investimentos que devem ser atingidos pelas mulheres, como afirmam Nascimento e Silva (2014):

O mercado de beleza começa a oferecer inúmeras opções de como se tornar uma mulher mais bela: a cosmética e os produtos de higiene pessoal, os procedimentos dermatológicos e estéticos, a moda, a dietética, as atividades físicas de modelação do corpo, e os procedimentos médicos: cirurgias plásticas, cirurgias bariátricas (redução do estômago), lipoaspirações (remoção da gordura corporal) e lipoesculturas (remoção da gordura corporal e redefinição das formas corporais) (p.352).

Há um paradoxo nessa ideia, já que agora, a beleza não é mais natural e sim um produto que pode ser adquirido, sendo assim, esse corpo belo não é algo real, não existe, é na verdade um corpo a ser construído e que pertence, como discutido por Nascimento e Silva (2014), a uma fantasia, um fetiche social que é transmitido cotidianamente pelas mídias. Essa

imagem de um corpo ideal e perfeito propagado pelos meios de comunicação é então alcançável e ao mesmo tempo impossível de se alcançar.

De acordo com Novaes e Vilhena (2003), com a noção de que é possível modificar os corpos a partir de cuidados, desenvolveu-se no imaginário social um movimento de obrigação de estar dentro dos padrões estéticos, especialmente no trato da mulher, “Queremos também apontar como a imagem da mulher e do feminino continua associada à da beleza, havendo cada vez menos tolerância para os desvios nos padrões estéticos socialmente estabelecidos” (p.11). Ser belo ou feio torna-se responsabilidade puramente do indivíduo, ser belo é visto como um dever social e ser feio é julgado como uma incapacidade individual.

Congruente com o pensamento das autoras acima, esse ideal é persistente atualmente no Brasil: a ideia de corpos perfeitos que podem ser acessados a partir de exercícios físicos e alimentações restritas, sendo assim, sinônimo de beleza e saúde. A beleza corporal passou a ser significativa na vida dos sujeitos da sociedade, capaz de segregar aqueles que não atingem o padrão estabelecido (ARAÚJO, MENESES, 2011). O corpo, também, é visto como um produto para o alcance da felicidade, saúde e sinônimo de poder social, padrão esse que afeta, especialmente, às mulheres. Esses mesmos autores pontuam que “A exposição de corpos femininos invariavelmente jovens, malhados, bonitos, parece ser o atestado das mulheres saudáveis e o passaporte para a felicidade de todas aquelas que se submeteram às recomendações do discurso midiático sobre saúde e estética” (p.4). Concordante ao discutido apresenta-se a seguinte afirmação:

O corpo tornou-se um “corpo-produto” que deve atender às exigências do mercado de acordo com o desejo do consumidor. O produto cada vez mais é transformado em objeto de desejo inserido no universo do consumo. Assim como os objetos de consumo são customizados, o corpo também atende ao interesse do dono (CALEIRO; GUSMÃO, 2012, p.6).

O que não pode ser deixado de lado é que mesmo diante da introdução feminina no mercado de trabalho, a obrigatoriedade dessa mulher ser bela é ainda persistente, já que a essa não cabe o “desleixo”, enquanto o descuido da aparência pelos homens, em contrapartida, é muito mais aceitável. Nascimento e Silva (2014) reiteram que:

Mesmo com o tempo reduzido pelo advento no mundo do trabalho, para ela não há a desculpa da falta de tempo para a beleza até porque os eletrodomésticos se prestaram a acelerar as tarefas domésticas designadas a ela e a assegurar que o trabalho no mundo privado não custasse privações ao lar, aos filhos, e ao marido (p.354).

Agregando a esse ideário, é significativo mencionar um aspecto que rodeia o padrão de beleza contemporâneo brasileiro: a imposição da juventude como belo, levando, assim, a negação do envelhecimento e a tentativa incessante de anular esse aspecto da natureza humana (MONTEFUSCO; LIMA, 2015). A velhice é rechaçada, já que remete ao não

produtivo, ao não belo. “Se a juventude está associada à energia, vitalidade e independência, tudo isso parece se perder quando do advento da velhice” (p.20), sendo assim, deve-se, a todo custo, combater a possibilidade de envelhecimento. Sant’anna (2003) descreve esse fenômeno a partir de uma narrativa histórica:

A naturalidade da morte foi sendo substituída pela naturalização da possibilidade de conquistar mais vida. Ora, este estímulo a ser cada vez mais jovem e belo, a produzir incessantemente uma nova aparência [...]. Nessa situação, mais do que ser jovem, é preciso mostrar-se jovem, em qualquer idade. Este imperativo está presente, desde os anos de 1980, sobretudo, na voga que conjuga alimentação com dieta, aquisição da boa forma com saúde. Não por acaso, desde 1985, por exemplo, mais de vinte revistas dedicadas aos temas da saúde e da boa forma foram criadas no Brasil (p.151).

Da ideia fantasiosa de juventude eterna decorre uma pressão social para o alcance da beleza e rechaço do processo de velhice, por esse último caber apenas representações que a sociedade ocidental condena como negativo, como a possibilidade de debilitações físicas e de saúde e a relação entre feiura e senilidade.

Em suma, para ser bela, na sociedade ocidental dos séculos XX e XXI, é necessário ser magra e jovem. Heinzelman et al (2012) definem a beleza propagada pelos padrões ocidentais atuais como:

[...] aquela ou aquele que tem a pouca porcentagem de gordura corporal, fartas nádegas (sem celulite, nem estrias) e seios grandes (e empinados), músculos definidos, pele bronzeada, além de ausência de mancha ou espinha na pele e até mesmo pouca ou nenhuma característica que denote idade, como rugas e marcas de expressão (p.470).

Mais uma vez, percebe-se que essa fuga da ideia de envelhecimento denota a não preparação dos indivíduos para o seu processo natural de desenvolvimento em nossa sociedade e há uma a indústria da beleza se favorecendo financeiramente desse despreparo, ao criar promessas de atenuar características que remetem ao corpo idoso.

Diante de toda essa demanda, há um estímulo para uma obsessão, uma luta incessante contra os seus corpos e contra a ação do tempo especialmente pelas mulheres, como é descrito por Novaes e Vilhena (2003):

Nada mais cruel do que lutar com um inimigo implacável e inexorável. Contra a ação do tempo as mulheres lutam, tentando manter-se sempre jovens e belas. Frenéticas e enlouquecidas consumindo compulsivamente toda sorte de produtos que prometam retardar o seu envelhecimento e manter sua beleza, essas mulheres lutam contra si, perdendo-se no espelho a procura de si mesmas. Se antes as roupas as aprisionavam, agora se aprisionam no corpo - na justeza das próprias medidas (p.33).

Diante do exposto, vê-se a força da ordem social em detrimento das necessidades dos indivíduos. As ideias e crenças dominantes sobre beleza na sociedade são postas como verdades e, caso não alcançadas, levam a sofrimento (RUSSO, 2005). Como sintetizado por

Cheung-Lucchese e Alves (2013, p.272) “O culto ao corpo padronizado pode gerar, aos mais vulneráveis às pressões sociais, angústias e obsessão pelo milagre da transformação do feio em belo”.

Essas imposições sociais, persistentes no campo social brasileiro atual, aprisionam às mulheres e acabam sendo uma forma de controle social, principalmente com o advento da globalização, o crescimento das novas mídias e o desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias no ramo da beleza. Nas palavras de Ghisleni e Lucas (2016):

as mulheres do século XXI trocaram a submissão aos pais, companheiros, patrões e ao patriarcado em geral, pela dominação da mídia e da publicidade e das suas imposições. Não que isso não ocorresse em outros tempos, mas é preciso concordar que a globalização estandardizou a figura do corpo ideal (s.p.).

Com a difusão global da beleza, o acesso a diferentes meios de embelezamento e os constantes bombardeamentos de mídias e publicidades dessas formas de modificações corporais, atrelado à ideia (e dever social) de que é possível alcançar a beleza a partir da aquisição desses meios, cria-se uma pressão social para que as mulheres, as mais afetadas por essa noção, sejam aprisionadas e limitadas em seus próprios corpos.

Fazer um resgate dos padrões de beleza na história da cultura ocidental é relevante para a compreensão de como as representações sociais femininas foram e estão sendo construídas no passar dos anos e suas influências nas mulheres. Essa questão será mais bem destrinchada na seção a seguir.

3.2 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO FEMININO

Compreender a mulher diante dessa realidade, mencionada no capítulo anterior, e as demandas esperadas que sejam cumpridas por elas, requer entender as representações sociais femininas na sociedade brasileira atual. A princípio, faz-se necessário conceituar representação social. Para isso, utiliza-se essa noção a partir da teorização de Moscovici (2007).

De acordo com o referido autor, as representações sociais são vistas com duas funções, a primeira é a de convencionalizar objetos, pessoas e acontecimentos, ou seja, elas “[...] localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas.” (p.34). Em consonância à temática desse TCC, falar de representações sociais do feminino é compreender que existem convenções sociais que criam associações de características referentes ao feminino e categorizam as mulheres.

A segunda função é de que as representações são prescritivas, sendo assim, “[...] elas se impõem sobre nós com uma força irresistível” (MOSCOVICI, 2007, p.36). Ele afirma que essa força está presente antes que comecemos a pensar, já que ela existe a partir de uma tradição já decretada, dessa forma, somos diretamente influenciados a pensar com base nas representações sociais as quais estamos inseridos.

A autora Jodelet (2001) afirma que Moscovici contrapõe a ideia de representações sociais desenvolvida por Durkheim, de que essas seriam apenas vontades coletivas. No conceito desenvolvido por Moscovici, as relações individuais e coletivas são assimiladas a partir da comunicação, portanto, a cognição também entra no processo de formação das representações sociais. Essas são apropriações das realidades nesse processo complexo que envolve o individual, o social, a história, a economia, as ideologias, o senso comum, a ciência e as crenças. Fica, assim, evidente a influência da cultura e da linguagem na formação das representações sociais.

Deste ponto de vista, as representações sociais são abordadas simultaneamente como o produto e o processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e da elaboração psicológica e social da realidade. Ou seja, está-se interessado em uma modalidade de pensamento, sob seu aspecto constituinte, os processos, e constituído, os produtos ou conteúdos. Modalidade de pensamento que tem sua especificidade em seu caráter social (JODELET, 2001, p.5)

E assim os seres humanos vão criando formas de apropriarem-se da realidade e estabelecerem uma rede de comunicação entre si. Para Moscovici (2007), a comunicação e as representações sociais são mutualmente condicionadas, já que é necessário se comunicar para partilhar determinadas representações e essas são introduzidas em sociedade quando se torna objeto de comunicação.

Dessa maneira, são construídos um conjunto de conceitos, proposições e explicações, a partir de comunicações interpessoais, que são as representações sociais (CASTRO; GIACOMOZZI; CAMARGO, 2018). Falando especificamente das representações sociais femininas na nossa sociedade, pode-se afirmar, a partir desse viés, que essas são, portanto, mutáveis e estão relacionadas às assimilações individuais e coletivas de um ideal da mulher, criando-se estereótipos atrelados a imagem do que seria feminino, como citado no seguinte recorte de Swain (2001, p.16): “Assim a sedução perversa, a inferioridade física e social, a incapacidade intelectual, a dependência de seu corpo e de seu sexo, a passividade vem sendo reafirmadas em imagens e palavras que povoam o imaginário ocidental”.

Mesmo que a construção da identidade do feminino seja um complexo produto de uma cultura, história, sociedade, valores e crenças e, logo, mutável, têm-se, ainda, a ideia da existência de uma essência feminina, que deve ser seguida, e o que é contrário a isso é

considerado um desvio social, sendo desvalorizado e julgado. Em referência a essa fantasiosa essência, há a inclusão de elementos de cuidado, recato, sensibilidade como sinônimos de feminilidade (CUNICO et al, 2018).

Ainda que mudanças sociais recentes influenciem fortemente na imagem do feminino na sociedade, como a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a crescente de múltiplos discursos do feminismo e a possibilidade plural da existência das mulheres, ainda se assumem vocações e características que são atrelados ao feminino, como forma de controle social: a maternidade e a construção da família nuclear heterossexual, a suposição de um instinto materno, valorização dos “bons costumes”, direcionamento das mulheres a espaços privados e o peso de possuir uma beleza dentro dos padrões estéticos (CUNICO et al, 2018). Assim também afirma Novaes e Vilhena (2003):

Objeto de maior regulação social, o corpo feminino é, por conseguinte, contido ao máximo em suas ações. Como fruto disso, espera-se que toda essa contenção resulte, simultaneamente, em uma corporalidade delicada, um comportamento polido e em um gestual estudado minuciosamente em seus movimentos (p.29).

Esse corpo controlado e contido em suas ações é produto de uma estrutura social e histórica que delimitam essas representações do feminino em diversas áreas sociais. Diversas mídias, como propagandas, histórias, revistas, redes sociais, filmes contribuem na propagação desse imaginário. Cunico et al (2018), por exemplo, em seu trabalho, fazem uma análise dos filmes animados clássicos das princesas Disney para compreender como são estabelecidas essas representações sociais no meio de comunicação cinematográfico. A partir disso, esses autores citam que há um perfil “esposa-mãe-dona-de-casa”, especialmente na primeira leva desses filmes, que correspondem as histórias da Branca de Neve, Cinderela e A bela adormecida. Esse perfil incorpora ao feminino um papel passivo atrelado a valores tradicionais da cultura ocidental como o amor romântico, a heterossexualidade, a bondade, a coragem e a beleza.

A aparência das personagens, por sua vez, também ocupa um lugar de destaque nas narrativas. As protagonistas são representadas como jovens brancas, bonitas e com corpos esbeltos, reproduzindo padrões hegemônicos de beleza que privilegiam a magreza e a juventude. Embora seus vestidos contenham uma riqueza de detalhes, o que é destacado é a naturalidade de suas aparências, ou seja, as princesas não fazem uso de maquiagens para embelezar suas feições, elas são representadas como naturalmente belas e atraentes. Para conquistar o príncipe, portanto, as princesas não precisam ter voz, já que possuem a linguagem do corpo (CUNICO et al; 2018, p.180).

Essas autoras analisam, também, que houve uma transgressão dessa imagem, mesmo que de forma sutil, na segunda geração de princesas da Disney, com a valorização de atos de coragem, força e independência. Elas consideram Ariel, de A pequena sereia, Bela, de A Bela

e a Fera, Jasmine, de Aladdin e Pocahontas como pertencentes a essa geração. As princesas contemporâneas já apresentam características mais condizentes com as atuais transformações sociais do feminino, ao enfatizar na autonomia dessas mulheres e na representação da busca de um equilíbrio entre individualidade e suas emoções. As autoras incluem nessa leva as princesas Tiana, de A princesa e o sapo, Rapunzel, de Enrolados, Merida, de Valente e Anna e Elsa, de Frozen: uma aventura congelante em referência a essa nova leva de filmes (CUNICO et al, 2018).

Mesmo diante de mudanças dessas representações sociais, há uma ideia que persiste no imaginário da sociedade ocidental: a atrelação da beleza à imagem feminina, como coerente à fala de Mota-Ribeiro (2005):

A beleza, por seu lado, permanece, tal como o amor, com uma ligação privilegiada ao feminino. Quanto mais bela a mulher, mais feminina é considerada. O mesmo não acontece com o homem. A beleza tem, pois, estatuto relevante na mulher, identificando-a como o “belo sexo” e moldando expectativas face à aparência. (p.31)

Perante essa noção, Jager et al (2017) declaram que as mulheres são sexualizadas e objetificadas de si. Aliena-se, então, a visão da mulher como indivíduo único, para que essa seja tratada como um objeto a ser usado e servir de prazer a outros. Com a valorização da beleza, o enquadramento a esses padrões oferece uma aceitação e sentimento de pertença pela sociedade, ainda mais diante de um imperativo, um dever que é comprometido às mulheres. Dessa forma, estar dentro do que se estabelece como belo permite ser aceito, amado e idealizado em uma sociedade de culto aos corpos.

[...] cuidar excessivamente do corpo (ou buscar por isso) é uma forma de alcançar a aceitação social e uma oportunidade para que as necessidades emocionais básicas não supridas em etapas do desenvolvimento anteriores possam ser resgatadas pela valorização e culto ao corpo. Existe então a necessidade de seguir normas e padrões sociais para serem aceitas, determinando o comportamento e a relação social. Ser convencional para não correr o risco do abandono e da não aceitação. Submissão a regras e valores sociais em busca de aceitação social. O medo de não ser aceito pelo outro faz com que o sujeito sinta extrema necessidade de alterar, negar ou esconder sua imagem (JAGER et al, 2017, p.45).

Assim, o não atendimento à lógica do belo pode levar a crenças “[...] de que se é defeituoso, indesejável, inferior e que, se os outros se aproximarem, eles poderão perceber estas falhas e afastar-se da relação” (JAGER et al, 2017, p.46), podendo envolver sentimentos de vergonha, rejeição, culpa, insegurança, hipersensibilidade às críticas, de acordo com os referidos autores.

Esse fenômeno de supervalorização da beleza favorece a estigmatização de um grupo de pessoas. Ser belo também está ligado à ideia de uma ascensão social, seja ela financeira ou de status pessoal, de inclusão e aceitação social (SAMPAIO; FERREIRA, 2009). Esse

estigma advém dessa conduta já mencionada de possibilidade de transformação corporal, da ideia de que é possível ser belo, bastando se submeter aos diversos procedimentos estéticos que existem no mercado, e que colaboram com a promoção do corpo enquanto objeto. De acordo com esses autores, quanto mais há a naturalização dessa ideia, mais corre-se o risco de preconceito com os grupos de pessoas que fogem dessa realidade, já que quanto maior a rigidez dos padrões estéticos, maior a quantidade de indivíduos empurrados para a condição de estigmatização:

Com isso, a naturalização da beleza implica uma conceituação ideológica, potencialmente a serviço de um grupo dominante, levando-nos, assim, a um grande risco de incidirmos em afirmações preconceituosas em relação às pessoas que não reflitam o padrão considerado natural (SAMPAIO; FERREIRA, 2009, p.124).

Ser bela ou feia, na sociedade, pode caracterizar a inclusão ou a segregação. De acordo com Pinheiro e Figueiredo (2012, p.129), “[...] os contrastes socialmente estabelecidos entre o que é belo e o que é feio marcam a história emocional das pessoas e a representação que os outros e elas fazem de si”. Dessa forma, a aceitação da sociedade diminui as reprovações sociais. Ser bela significa agradar aos outros e a si, “[...] conferindo-lhes satisfação, alegria, status, admiração, privilégios e, nos que ficam incomodados, produz inveja” (p.129).

Os autores acima e Miranda (2011) afirmam que o padrão de beleza se refere a pessoas que se enquadram na imagem de uma juventude com traços brancos (cabelos lisos, nariz afilado, tom de pele claro), magros ou com músculos torneados, com pele bem tratada, possuindo roupas e acessórios que revelam poder aquisitivo.

Seguindo essa lógica, pessoas que possuem corpos gordos, cabelos crespos, problemas de pele, deficiências físicas são segregadas desse padrão. Também, diante de um ideal de beleza branco, há uma evidente segregação de pessoas que fogem dessa lógica, incluindo, pessoas de diferentes etnias, como os amarelos, os indígenas, os afrodescendentes. Quanto a esse último grupo, o autor Miranda (2011) faz algumas menções quanto a sua representatividade na mídia.

Esse autor reitera que, no Brasil, mesmo mulheres negras que alcançam um patamar de visibilidade precisam passar com uma “transformação estética”, em que suas características são embranquecidas e seus corpos rejeitados.

Assim, a constituição de um imperativo de beleza que necessariamente englobe pessoas com traços fenotípicos europeus - os sujeitos belos - é organizada a partir da exclusão dos afro-descendentes – considerados feios. A norma da beleza é reiterada pelos meios de comunicação, de forma que o discurso do embranquecimento foi naturalizado pela ideologia do corpo – embranqueças e serás reconhecido (MIRANDA, 2011, p.4).

Como já falado, as representações sociais são mutáveis, e há um crescente processo, no Brasil, de aceitação dos traços não-brancos na sociedade. Não há como contestar, no entanto, que a negação da beleza de traços que fogem dos fenotípicos europeus, possui raízes muito profundas e aparecem na sociedade como ferramenta de segregação de parte da população que sofre há séculos as consequências da escravidão e do racismo estrutural desse país.

Outro ponto muito associado à beleza, é a ênfase na ideia de essa estar atrelada à juventude e ao corpo magro ou malhado. A velhice deve ser combatida, já que os sinais do envelhecimento são tidos como feios (rugos, cabelos brancos, manchas) e as limitações físicas que podem advir desse processo são encaradas como doença (CASTRO; GIACOMOZZI; CAMARGO, 2018).

A pressão social pelo corpo e aparência jovem recai com mais ênfase sobre as mulheres, que acabam por incorporar a beleza como um dever social [...]. Desse modo, tais dados enfatizam a juventude associada à beleza, feminilidade e poder, e o envelhecimento apresentado como uma “doença” passível de cura (CASTRO; GIACOMOZZI; CAMARGO, 2018, p.59).

O que abre um campo para práticas que visem o rejuvenescimento, para que haja um combate a esse processo, sendo assim, utiliza-se uma série de métodos que podem ser naturais ou intervenções cirúrgicas com o objetivo de amenizar aspectos físicos que remetem ao envelhecimento (CASTRO; GIACOMOZZI; CAMARGO, 2018, p.58).

Essas técnicas também são usadas para atingir um corpo magro, malhado, dentro dos padrões estéticos, que podem ser produzidos a partir do “[...] uso de adornos, indumentárias, dietas, cosméticos, atividades físicas, substâncias emagrecedoras, tatuagens, implantes capilares e dentários, e até recursos cirúrgicos com finalidade estética” (BÔAS; CAMARGO; ROSA, 2017, p.188-189).

Desse modo, há na contemporaneidade um forte apelo ao consumo a partir da estimulação midiática, com esse corpo sendo visto enquanto produto, já que na atualidade existe um estímulo para se adquirir a beleza, a juventude, o corpo perfeito, como se essas fossem mercadorias. Também se é vendido a ideia de que essa é uma possibilidade de atingir a felicidade e o sucesso pessoal (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

E se a juventude é exaltada enquanto beleza, a velhice acaba sendo estigmatizada, como essas autoras afirmam:

[...] basta ver que, numa sociedade capitalista, o velho perde seu poder como produtor de bens e riquezas e como consumidor e, conseqüentemente, perde seu valor social. A velhice e o envelhecimento situam-se na contracorrente de uma sociedade centrada na produção, no rendimento e no dinamismo. No engendramento dessa exclusão está um sistema político e econômico que prioriza a força jovem no

mercado de trabalho, descartando aqueles considerados “velhos ou ultrapassados”. (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008, p.61).

Sendo assim, na sociedade capitalista em que há um estímulo do corpo enquanto produto, as intervenções estéticas são vistas como fonte de solução para os desvios dos padrões corporais de beleza. Ser capaz de “resolver” esses desvios significa adquirir bem estar e o afastamento da reprovação social (CASTRO; GIACOMOZZI; CAMARGO, 2018). Tal possibilidade possui influência tão significativa na sociedade brasileira, que no país há:

[...] o fenômeno impressionante do aumento da realização de cirurgia estética na última década em todo o mundo com mais de 8.530.000 intervenções estéticas apenas em 2010, mas também o ranking de 25 países diferentes, com o Brasil na segunda posição precedido apenas pelos Estados Unidos da América e seguido pela China, em 3ª posição, e pelo Japão, pelo México e pela Itália entre os primeiros seis países em termos de número total de cirurgias estéticas por ano (BÔAS; CAMARGO; ROSA, 2017, p. 189).

Vale salientar, que de acordo com as autoras referidas, os procedimentos estéticos realizados no país abarcam uma população essencialmente feminina. As mídias e comunicação em massa também contribuem para a difusão dessas práticas, colaborando em sua aceitação e banalização socialmente (BÔAS; CAMARGO; ROSA, 2017).

Em suma, mesmo com as modificações decorrentes da história e mudanças sociais, as mulheres ainda são mais incentivadas que os homens a alterar seus corpos para estar em conformidade à imagem de beleza ideal. E como possibilidade de transformação, as cirurgias estéticas aparecem como estratégias de melhoria de insatisfação com o corpo e, em consonância a isso, de um melhor estado emocional (BÔAS; CAMARGO; ROSA, 2017).

Em uma pesquisa publicada em 2007, as autoras Ferraz e Serralta buscaram investigar os efeitos das cirurgias plásticas na autoestima das mulheres. Os resultados se encaminharam para uma mudança positiva de autoestima das mesmas que, em algum momento, se submeterem a esses procedimentos:

O sentimento de pertencimento ao padrão social é tão perseguido que, muitas vezes, quando não alcançado, é motivo de angústia e tristeza. O ideal e o real acabam sendo tão distanciados que o indivíduo se perde na sua própria imagem, o que acarreta prejuízos emocionais, comportamentais, cognitivos e produtivos. Entretanto, ter a possibilidade concreta de aproximar o desejo da realidade é um dos aspectos que impulsionam e movimentam o mercado da cirurgia plástica estética (FERRAZ; SERALTA, 2007, p.206).

As modificações corporais se mostram como uma forma de enquadramento e aceitação social, modo de melhorar a imagem social e possibilidade de aumento da autoestima, comprovando o quão danoso pode ser o não pertencimento ao grupo social para a saúde das mulheres (FERRAZ; SERALTA, 2007). Ao mesmo tempo, é uma forma de

submissão aos moldes limitantes de identidade das mulheres e dos femininos, um instrumento de controle dos corpos femininos.

Com as discussões históricas sobre os padrões de beleza e as representações que se fazem do feminino na cultura ocidental, cabe compreender sobre os processos de saúde e doença na visão da Psicologia, especificamente, pela abordagem gestáltica, para que seja possível discutir suas implicações no adoecimento e/ou na saúde das mulheres.

3.3 A COMPREENSÃO DE SAÚDE E DOENÇA NO ENFOQUE DA ABORDAGEM GESTÁLTICA

Perante as discussões citadas anteriormente, consta-se, assim, a necessidade de compreensão das representações sociais femininas no campo da Psicologia, no que convém discutir, especialmente, as implicações dos padrões estéticos na saúde e no adoecimento das mulheres. Para isso, fazem-se necessárias as discussões sobre os conceitos de saúde e doença a partir da abordagem gestáltica através da interlocução com as noções de contato, fronteira-de-contato, *Self*, campo fenomenológico, neurose e ajustamentos criativos.

Esse referencial teórico trabalha com a noção de que é imprescindível compreender o ser humano em sua totalidade, sendo assim, a noção de doença não é separada da compreensão de saúde, valorizando, também, os aspectos relacionais e emocionais vivenciados pelo indivíduo (PERLS, HEFFERLINE, GOODMAN, 1997). É preciso compreender, então, o conceito-chave da abordagem Gestáltica: contato, que é a assimilação do novo. Perls, Hefferline e Goodman (1997) afirmam que: “[...] o contato é *awareness* da novidade assimilável e comportamento com relação a esta; e rejeição da novidade inassimilável” (p.44). Sendo assim, o que é sempre o mesmo e é não-assimilado, não é objeto de contato. Para os seres humanos, o contato se refere à *awareness* sensorial e ao comportamento humano, ou seja, o contato mostra-se na “cooperação entre percepção e movimento (e também sentimento)” (p.42).

Assim, esse indivíduo se encontra interligado com o mundo e seus aspectos individuais, sociais, culturais são levados em consideração, ou seja, não é percebido de forma dicotômica no sentido de dar enfoque no sujeito ou no ambiente, mas sim em sua relação, em seu encontro e contato (SILVA; BAPTISTA; ALVIM, 2015). Como dito por Ribeiro (2017, p.13), “[...] Todo contato implica em uma relação eu-mundo. Primeiro eu existo, depois sinto, penso, faço e falo. Primeiro eu percebo a realidade fora de mim, depois eu percebo que percebi e percebo o que eu percebi”.

Desta forma, o contato está presente na compreensão do indivíduo, já que a todo instante acontece o processo de assimilação e rejeição do organismo em relação com o meio, que se refere à satisfação ou não de suas necessidades. No entanto, nem tudo é contato, como já mencionado na citação de Perls, Hefferline e Goodman (1997). Aquilo que é fixo, que é repetido, não é mais assimilado, portanto, não é contato.

Congruente com esse pensamento, se o indivíduo se apresenta inflexível, com suas fronteiras-de-contato rígidas, então, esse se encontra em estado de adoecimento, se encontra em um estado de deficiências de contato. Entende-se o conceito de fronteiras-de-contato como o lugar onde ocorre a experiência, a delimitação entre organismo e meio, sendo assim, é, ao mesmo tempo, ponto de contato e de isolamento, nas palavras de Cardella (2017, p.48), “[...] ponto pulsante de energia em que o indivíduo experiencia o ‘eu’ em relação ao ‘não-eu’”. A fronteira-de-contato está imbricada ao *Self*, que é o sistema de contato, ele contata o presente transiente concreto (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997), esses autores definem *Self* como o:

[...] sistema complexo de contatos necessário ao ajustamento no campo imbricado. O self pode ser considerado como estando na fronteira do organismo, mas a própria fronteira não está isolada do ambiente; entra em contato com este; e pertence a ambos, ao ambiente e ao organismo. O contato é o tato tocando alguma coisa. Não se deve pensar o self como uma instituição fixada; ele existe onde quer que haja de fato uma interação de fronteira, e sempre que esta existir (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p.179).

O *Self* é um sistema que tem como funções o id, ego e personalidade. O id relaciona-se às necessidades vitais e pulsões, é, então, uma função passiva. O ego, entretanto, é o contrário, é uma função ativa, pois é essa função encarregada pelas escolhas e responsabilidades para contatar ou rejeitar esse contato, de acordo com as necessidade e desejos do indivíduo. A função personalidade faz referência à representação e formação da imagem que o indivíduo faz de si mesmo (CARDELLA, 2017).

De outra forma, quando a fronteira-de-contato apresenta-se flexível, o indivíduo é capaz de diferenciar quando é possível e saudável entrar em contato e quando não é. Em suma, “Num estado de saúde, o indivíduo é capaz de, através da função ego do *Self*, discriminar o que é nutritivo, abrindo sua fronteira de contato, e fechando-a quando percebe que algo que está fora é tóxico” (MIRANDA, 2003, p.58-59). Compreende-se a função ego do *Self* como aquela encarregada pelas escolhas e responsabilidades para contatar ou rejeitar esse contato, de acordo com as necessidade e desejos do indivíduo, sendo assim, uma função ativa (CARDELLA, 2017).

Os contatos estabelecidos pelos indivíduos ocorrem em seu campo fenomenológico. Dessa maneira, ancora-se na teoria de campo de Lewin para apreender esse último conceito:

O espaço vital diz respeito à totalidade dos fatos que determinam o comportamento do indivíduo num certo momento. Ele inclui a pessoa e o meio, e representa a totalidade dos eventos possíveis. O que não quer dizer que Lewin aceitasse a pertinência de relações de causalidade entre a pessoa e o meio. [...] Por outras palavras, o espaço vital tem a ver com o processo amplo de emergência de figuras no interior de um campo, que é a Gestalt (MULLER-GRANZOTO; GRANZOTO, 2004, p.11).

A abordagem gestáltica compreende o indivíduo em sua totalidade, por isso, quando se fala em espaço vital, não se fala de uma relação puramente causal e sim, a partir da complexidade interacional em um campo organismo/ambiente, sociocultural, animal e físico. Como Perls, Hefferline e Goodman (1997, p.43) afirmam: “Desse ponto de vista, por exemplo, não se podem considerar fatores históricos e culturais modificando ou complicando condições de uma situação biofísica mais simples, mas-como intrínsecos à maneira pela qual todo problema se nos apresenta”.

Com base nos escritos de Holanda (1998), conceber a saúde é compreendê-la a partir da capacidade do indivíduo de flexibilidade e dinamismo em seu contatar, já que o meio se encontra em constante mudança, sendo assim, deve-se haver um equilíbrio entre a singularidade do indivíduo e a sociedade.

O referencial teórico em questão valoriza a originalidade e a diferença presente em cada um. A noção de saúde não perpassa a ideia de cura ou “correção” de um distúrbio comum em um entendimento a partir da psicopatologia, mas no desenvolvimento pessoal e plenitude do potencial humano. Saúde significa a manutenção e funcionamento de um bem-estar harmonioso que é possível a partir da fluidez na dinâmica figura-fundo¹, em um processo de autorregulação orgânica, ou seja, na satisfação de suas necessidades. A doença, ao contrário, é entendida como a permanente interrupção no processo de satisfação de suas necessidades (GINGER; GINGER, 1995).

Diante dessa concepção, quando se fala de neurose, a prerrogativa central sobre o adoecimento nesse trabalho, compreende-se que o indivíduo que está em estado neurótico encontra-se em um movimento de desequilíbrio entre organismo e meio, em que não há integridade nas suas respostas e suas necessidades. O indivíduo credita a sociedade como mais importante e influente em sua vida, alienando-se de si (MIRANDA, 2003).

¹ “O processo de formação de figura/fundo é um processo dinâmico no qual as urgências e recursos do campo progressivamente emprestam suas forças ao interesse, brilho e potência da figura dominante” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p.45-46).

Quando, por um lado, a busca de equilíbrio do homem o leva a retirar-se mais e mais, a permitir que a sociedade o influencie demais, a subjugá-lo com suas exigências, ao mesmo tempo a separá-lo do convívio social, a pressioná-lo, a moldá-lo passivamente, nós o chamamos de neurótico. O neurótico não pode ver claramente suas próprias necessidades e, portanto, não pode satisfazê-las. Não pode distinguir adequadamente entre si e o resto do mundo e tende a ver a sociedade como maior que a vida e a si mesmo como menor (PERLS, 1988, p.41).

De acordo com esse autor, o funcionamento citado acima é denominado introjeção e ocorre quando há incorporações do meio, sem que haja uma discriminação própria e singular pelo indivíduo, sendo assim, esse aceita o que é imposto pela via de outra pessoa ou de crenças e tradições da sociedade sem críticas. Como dito por Perls (1988, p.47): “Tais atitudes não digeridas, modos de agir, sentir e avaliar, a psicologia chama de *introjeções*, e o mecanismo pelo qual estes acréscimos estranhos são anexados à personalidade chamamos de *introjeção*”.

A projeção, apesar de seu caráter oposto à introjeção, está intimamente ligada a esse último mecanismo, já que é produzida a partir do sentimento de desvalorização das constantes introjeções, resultando em uma autoalienação (CARDELLA, 2017). Nesse processo, o indivíduo desapropria-se de si e de suas responsabilidades ao deslocar sua responsabilidade para o meio. Quando há a alienação de si e uma tentativa de se proteger de si mesmo diante de ideias que foram introjetadas, culpa-se o meio, o outro, por não aceitar a possibilidade de que aquilo que vai contra as suas crenças e formas de agir pertencem ao próprio indivíduo, assim, desloca-se a barreira entre o *Self* e o exterior a favor próprio, de modo exagerado (PERLS, 1988).

Outra forma de funcionamento em que a falta de contato e alienação de si é central, é denominada de deflexão. Esse é um mecanismo de fuga do contato, na tentativa de evitar plenitude do contato, envolvimento, intimidade. De acordo com Ginger e Ginger (1995, p.138), a deflexão: “Permite evitar o contato direto, *desviando* a energia de seu objeto primitivo. É uma atitude de fuga, de *evitação*, manobras inconscientes de diversionismo.”

Já na confluência, a pessoa possui dificuldade de diferenciar-se do outro. A fronteira-de-contato do indivíduo está distorcida. De acordo com Cardella (1997, p.58), “O indivíduo que conflui mistura-se, adere ao outro e, em geral, estabelece relacionamentos de dependência, já que dificilmente experimenta diferenciação e discrimina a própria singularidade”.

Na fixação, o indivíduo é incapaz de explorar novas situações, restringindo-se para evitar surpresas e fugir do novo e da realidade. A pessoa permanece, então, fixada em coisas e

emoções, sem refletir sobre as vantagens e desvantagens que tal situação proporciona (RIBEIRO, 2007).

A escolha pela conceituação dos mecanismos de defesa citados acima deu-se pelo entendimento desses serem cruciais para a compreensão do fenômeno pesquisado proposto. Tais conceitos serão resgatados na seção “Análise e discussão” deste trabalho de conclusão de curso.

Nos casos em que o indivíduo está neurótico, fala-se de ajustamento criativo disfuncional, por compreender que não há assimilação entre as duas polaridades ajustamento e criatividade. “Criatividade e ajustamento são polares, são mutuamente necessários. Espontaneidade é apoderar-se, crescer e incandescer com o que é interessante e nutritivo no ambiente.” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p.45). Quando há interrupções, inibições dessas duas polaridades, há limitações da existência desse indivíduo e esse funcionamento está não-saudável, já que há a repetição, levando a uma fuga de contato. Por outro lado, o ajustamento criativo funcional acontece quando ocorre a assimilação entre as polaridades ajustamento e criatividade. Perls (1988) afirma que:

Os conceitos, fatos, padrões de comportamento, a moral, os valores éticos, estéticos ou políticos – todos nos chegam, originalmente, do mundo externo. Não há nada em nossas mentes que não venha do meio, e não há nada do meio para qual não haja uma necessidade orgânica, física ou psicológica. Estas devem ser digeridas ou dominadas, se quiserem se tornar nossas de verdade, realmente uma parte da personalidade. Mas se simplesmente as aceitarmos completamente e sem crítica, baseado nas palavras de outra pessoa, ou porque estão na moda, ou são de confiança, ou tradicionais ou antiquadas ou revolucionárias – tornam-se um peso para nós. São realmente indigeríveis. Ainda são corpos estranhos, embora tenham sido instalados em nossas mentes (p.47).

Assim, nesses estados, o indivíduo apresenta uma perda da função “ego”, em que as tomadas de decisão são desadaptadas ou difíceis. Existe uma interrupção das necessidades, já que mesmo com a percepção do mundo exterior e as necessidades internas, a resposta não é satisfatória, não é atualizada e não está de acordo com a hierarquia das necessidades (GINGER; GINGER, 1995). Esse autor delimita que “A neurose é pois um conjunto de respostas obsoletas ou anacrônicas, em geral enrijecidas numa estrutura de caráter que reproduz comportamentos adquiridos em outros tempos e em outros lugares” (p.128).

Os indivíduos que se encontram neuróticos acabam desenvolvendo um elevado heterosupoorte (apoio do mundo externo) em detrimento ao autossupoorte, o que significa que esses atribuem um grande peso à sociedade quando comparado a suas próprias ideias, pensamentos, sentimentos e modos de agir, e esses não conseguem se auto realizar. O autossupoorte é justamente quando há um equilíbrio entre as demandas da sociedade e as demandas próprias e singulares de cada um. Perls (1988) afirma que:

O homem que pode viver um contato íntimo com sua sociedade sem ser tragado por ela nem dela completamente afastado é um homem bem integrado. É auto-suficiente, porque compreende a relação entre si e a sociedade, como as partes do corpo parecem compreender, instintivamente, sua relação com o corpo como um todo [...]. O objetivo da Psicoterapia é justamente criar tal homem (p.40).

Nesse equilíbrio e processo de autossuficiência, o indivíduo se encontra saudável, já que existe a expressão da espontaneidade e congruência entre o pensar, sentir e agir. No entanto, no processo em que o heterosuporte (apoio do mundo externo), ou seja, a necessidade de apoio externo é demasiada, existe um indicativo de autoestima deficitária. Quando falta o apoio característico da autoestima, o indivíduo acaba necessitando de um constante apoio externo e de ser estimado pelos outros (PERLS, 1988).

Carvalho (2007) em seu trabalho, defende que a autoestima é compreendida pela abordagem gestáltica “[...] como um sentimento que leva a comportamentos adaptativos” (p.43), quando há uma atribuição de valor elevado em relação a si mesmo, o indivíduo possui uma autoestima fortalecida e vice-versa. Importante mencionar que a autoestima baixa, relacionada a um sentimento de menos valia, interfere diretamente nas relações estabelecidas desse indivíduo com o resto do mundo, como explicado pela autora:

[...] se todos têm mais valor que o indivíduo com baixa auto-estima, este terá suas tentativas de contato contaminadas pelo medo de não ser aceito e pela necessidade incontrolável de agradar, condição mais que suficiente para abortar suas possibilidades de construir relações satisfatórias (CARVALHO, 2007, p.44-45).

Reconhece-se, no entanto, que mesmo no movimento cristalizado apresentado na neurose, quando não existe um forte autossuporte, esse é o ajustamento criativo possível que aquele sujeito encontrou para a sua sobrevivência, sendo ainda uma forma de se autorregular, mesmo que seja uma forma restrita de vivenciar as situações e que impeça o crescimento da pessoa. Perls (1988) afirma:

O neurótico é o homem sobre quem a sociedade influi demasiadamente. Sua neurose é manobra defensiva para protegê-lo contra a ameaça de ser barrado por um mundo esmagador. Trata-se de sua técnica mais efetiva para manter o equilíbrio e o sentido de auto-regulação numa situação em que sente que as possibilidades estão todas contra eles (p.45).

A ênfase no contexto desse contatar é imprescindível por compreender que toda nova forma de contatar é ajustamento criativo. O que vai definir se esse ato é disfuncional ou funcional, isto é, saudável ou não-saudável, é se existe autenticidade, espontaneidade na forma de ajustar-se. Quanto mais rígido, automático e limitante esse ajustamento transparecer, mais adoeceador é o estado que a pessoa se encontra.

A descrição da saúde e doença psicológicas é simples. É uma questão das identificações e alienações do self. se um homem se identifica com seu self em formação, não inibe seu próprio excitamento criativo e sua busca da solução vindoura; e, inversamente, se ele aliena o que não é organicamente seu e portanto

não pode ser vitalmente interessante, pois dilacera a figura/fundo, nesse caso ele é psicologicamente sadio, porque está exercendo sua capacidade superior, e fará o melhor que puder nas circunstâncias difíceis do mundo. Contudo, ao contrário, se ele se aliena e, devido a identificações falsas, tenta subjugar sua própria espontaneidade, torna sua vida insípida, confusa e dolorosa. Chamaremos o sistema de identificações e alienações de “ego” (PERLS, HEFFERLINE, GOODMAN, 1997, p.49).

Portanto, na visão da abordagem gestáltica, a saúde é a expressão da espontaneidade e congruência entre o pensar, sentir e agir. O indivíduo alienado de sua própria autenticidade, criatividade e espontaneidade, porta-se no mundo de forma adoecedora. Busca-se, então, o resgate pela integração e suporte desse indivíduo, resultando em um alargamento do campo de vividos e na experimentação da liberdade de escolha e responsabilidade (GINGER; GINGER, 1995).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir do que foi apresentado sobre a abordagem gestáltica e a compreensão de saúde é possível discorrer acerca do fenômeno complexo das implicações dos padrões estéticos na saúde da mulher, haja vista, que a perspectiva gestáltica percebe os indivíduos em sua totalidade física, biológica, psicológica, social, a partir do campo interacional que esses estabelecem e apresentam-se, assim, de forma intrínseca, de acordo com Ginger e Ginger (1995).

Analisando dessa forma, as mulheres sofrem influências que as atingem de maneira particular. Essas se estruturam de formas múltiplas, a partir de interesses sociais, culturais, econômicos, políticos, se apresentando como forma de controle social (ARAÚJO; MENESES, 2011). Essas repercussões acabam sendo introjetos que irão constituir o seu *Self*. Dessa maneira, o ideal de beleza e de necessidade que as mesmas devem se enquadrar tendem a ser instrumentos de controle dos seus corpos.

Assim, a noção de beleza chegou no século XXI como algo que é possível ser alcançado a depender da força de vontade dos indivíduos, já que em uma sociedade capitalista cria-se cotidianamente diversos aparatos que possibilitam que esses atinjam a beleza (SANT'ANNA, 2003). No movimento de introjeções dessa noção, as mulheres podem estabelecer conexões a essa de modo confluyente, em que elas misturam suas próprias singularidades com o que vem do externo (CARDELLA, 2017) e relacionam-se com as concepções de belo de forma dependente, a creditar, em seu imaginário, que obedecer a isso significa alcançar satisfação.

As noções de belo são mutáveis por serem uma construção histórica e social. Na história diversos corpos foram idealizados como belos e exemplos a serem seguidos, a depender do conceito de beleza da época. Essas mudanças são ainda mais perceptíveis com o movimento acelerado característico do processo de globalização com o rápido avanço de tecnologias e mídias (GHISLENI; LUCAS, 2016) que expõe em constância diferentes imagens atreladas à beleza.

Ainda que características como magreza e juventude sejam constantemente impostas como belas, nos últimos anos desse século, vivenciamos o surgimento de corpos malhados e nas mulheres, especificamente, corpos que são magros em determinadas áreas e que são voluptuosos em outras, como seios, bundas e quadris, como sinônimos de beleza (HEINZELMAN et al, 2012), enquanto no século passado, a beleza era ligada a corpos femininos extremamente magros, como expostos nas passarelas de moda. Essa última é

constantemente mudada, já que muitas roupas e acessórios podem sair da moda e esse movimento é ligado diretamente à beleza e status social. Com o contato com essas mudanças do externo, as mulheres que atribuem maior valor a isso em detrimento das suas próprias ideias, acabam não conseguindo se autorrealizar, por estarem em numa tentativa constante de se enquadrar naquilo que é ditado como bonito em sua época. Há nessa relação, um desequilíbrio entre essas duas partes, caríssimas para quem vive em sociedade. Esse movimento é uma característica típica de uma pessoa que se encontra em estado de neurose, em que seu autossuporte é afetado (CARDELLA, 2017).

Indiscutível também é a ideia de status social, poder econômico e o poder que é associada às mulheres que são consideradas bonitas em sociedade. A beleza está associada às duas primeiras, porque para ter acesso as diversas ferramentas de embelezamento, como cirurgias plásticas, roupas e acessórios da moda, cosméticos de cuidado para a pele, academia, alimentações voltadas ao emagrecimento, é necessário ter poder aquisitivo, além da possibilidade de ter tempo disponível para desenvolver as atividades estéticas (SAMPAIO; FERREIRA, 2009). Sendo assim, ocorre uma projeção do método de como atingir a beleza, projeta-se um ideal de vida e de status social que tal processo poderá garantir às mulheres e aquelas que não o seguem são rejeitadas e estigmatizadas, já que nesse movimento de delimitar o belo e o feio, criam-se representações que os outros fazem da pessoa e, também, de si mesma (PINHEIRO; FIGUEIREDO, 2012).

Quanto ao último aspecto mencionado, a beleza feminina é utilizada enquanto ferramenta de ascensão social e sexual. O “desleixo” quanto à aparência é bem mais julgada socialmente quando vindo das mulheres em comparação aos homens. Há também a pressão por ser bonita para a conquista sexual (NASCIMENTO; SILVA, 2014). E partindo dessa realidade, o cumprimento dos padrões estéticos acaba sendo um fator de esquivas de estigmas sociais. Essa atitude é ainda uma forma de contatar com mundo, logo, é um modo de ajustamento criativo. Cabe, no entanto, identificar se essa forma permite a expressão da autenticidade e espontaneidade ou se é limitante, automática e rígida (PERLS, HEFFERLINE, GOODMAN, 1997).

Os estigmas sociais associados à feiura são muitos. Com as características já citadas, o não cumprimento dos padrões estéticos acaba sendo taxado enquanto descuido com sua própria imagem. A beleza é associada a felicidade, saúde e status social, sendo assim, o seu não atendimento remete ao oposto (ARAÚJO, MENESES, 2011). Também é importante mencionar o estigma sobre a velhice, já que a juventude é uma característica exaltada na contemporaneidade, àquela resta o rechaço social. Associado a ideia de velhice está a

impossibilidade física e a imagem de que os sinais característicos de pessoas idosas são feios, como rugas, cabelos brancos, manchas na pele (CASTRO; GIACOMOZZI; CAMARGO, 2018). Ajustar-se de forma a estar de acordo com essas introjeções sem reflexões, significa uma tentativa de fuga do contato com as estigmatizações construídas pela sociedade, ou seja, esses indivíduos defletem, evitam envolvimento e intimidade consigo mesmo.

A pergunta a ser respondida a partir dessa pesquisa é sobre como esses padrões podem influenciar na saúde das mulheres brasileiras. Levando em consideração que todas nós vivemos e interagimos em sociedade, é contundente que somos afetadas pelas representações sociais do feminino e somos atravessadas por suas transformações culturais e históricas, porém há também a subjetividade de cada indivíduo e a relação que cada um estabelece com todo um acervo de seus fundos de vividos (PERLS, HEFFERLINE, GOODMAN, 1997).

Quando há a introjeção do cultural como forma de ajustamento criativo disfuncional, ou seja, quando ocorre a assimilação desses padrões e representações sociais do feminino de modo não-crítico, sem a discriminação própria do indivíduo (PERLS, 1988), esse movimento é representativo de funcionamento onde existe uma alienação de si, de sua personalidade. A pessoa molda-se de acordo com o que a sociedade caracteriza as mulheres, mesmo que aquela não se identifique, a partir de seu próprio modo, a sua versão de feminilidade (ou não feminilidade), ocorre, assim, a interrupção das necessidades, já que as tomadas de decisão dessas mulheres não está de acordo com a hierarquia de suas necessidades, demonstrando uma perda da função do ego e também da personalidade, dado que a representação da imagem que o indivíduo faz de si mesmo é deturpada (GINGER; GINGER, 1995).

De acordo com Perls (1988), o funcionamento introjetivo disfuncional pode acarretar a desintegração da personalidade, quando a pessoa introjeta por inteiro algo incompatível com seu próprio conceito. Por conseguinte, no caso do fenômeno em questão, a aceitação dos padrões estéticos impostos pela cultura de modo introjetivo, como se esses fossem naturais e tivessem uma essência, gera um sofrimento pela alienação de si e seus valores, crenças, pensamentos, modos de agir, que na singularidade de cada um, podem ser contraditórios ao imposto em sociedade.

Dito isso, fica evidente a importância da compreensão própria da singularidade de cada um e do processo de autoconhecimento. Esses mesmos padrões e representações sociais podem não ser adoecedores para algumas mulheres, caso haja uma congruência entre aqueles e as normas, atitudes, modos de pensar e agir que são verdadeiramente dessas. Ou seja, a saúde e a doença não estão como modo universal, estão no processo de interação de cada um

e na expressão de sua liberdade, autonomia, espontaneidade e integração (GINGER; GINGER, 1995).

Quando não há congruência e integridade entre o que é imposto e o que as mulheres acreditam, esse desequilíbrio traz sofrimento a elas em sua totalidade. Em um estado onde a pessoa se encontra neurótica, ocorre a alienação de si própria, sendo assim, essa pessoa credita a sociedade e as introjeções culturais como mais importantes do que si (MIRANDA, 2003). Se o alcance dos padrões estéticos toma uma importância de tamanhos desproporcionais na vida dessas mulheres, quando não existe uma verdadeira identificação com esse estilo de vida, significa que há um processo de adoecimento.

Não é possível, no entanto, relativizar o movimento de maior consumo de métodos e procedimentos estéticos no universo feminino. É notório que a alienação de si próprio é uma característica abrangente na cultura ocidental. Os fluxos de imagens nas mídias e tecnologias acaba sendo um malfeitor no processo de difusão de pensamentos em massa e peça fundamental na relação de confluência entre indivíduo e o externo. A não afetação diante dessa realidade imposta consiste em um movimento de difícil abdicação, afinal, entra em jogo o sentimento de pertencimento, valorização e não julgamento, já que a sociedade demanda ao público feminino de maneira brutal o enquadre e controle pela via do mito da beleza. Para que isso ocorra, as mulheres precisam compreender o que lhes é nutritivo e, assim, manter suas fronteiras-de-contato flexíveis para isso e aquilo que é adoecedor, deve-se delimitar fronteiras-de-contato rígidas, evitando, assim, que ocorra a confluência (GINGER; GINGER, 1995).

O sentimento de pertencimento e valorização é conectado ao conceito de autoestima, já que essa se caracteriza, pela visão da abordagem gestáltica, como um sentimento que leva à adaptação (CARVALHO, 2007), e na sociedade brasileira, a valorização da mulher perpassa a beleza e juventude. Portanto, estar fora do que é visto como belo e jovem em uma sociedade em que isso é imposto às mulheres, pode ser um gatilho para o sentimento de não pertencimento, desvalorização e baixa autoestima.

O funcionamento de projeção está intimamente ligado à introjeção. Quem introjeta, projeta. Esse mecanismo é conceituado como o processo de desapropriação de si e de suas responsabilidades, deslocando-os ao meio. Conforme Cardella (2017) a projeção advém do sentimento de desvalorização decorrentes das diversas introjeções que a pessoa vivencia. Isto posto, constata-se que nesse movimento de introjeções de padrões estéticos, há um grande risco de desvalorização de si mesma e, por conseguinte, a de culpabilizar o outro pelo não alcance de algo. Deslocar e projetar, por exemplo, a possibilidade de felicidade para quando

for possível atingir alguma meta perante os padrões de beleza. Acreditar que só será feliz e realizada quando atingir um certo peso demonstra uma atitude projetiva, ainda porque demonstra a desvalorização do seu eu atual.

Para os indivíduos que se encontram em estado de neurose, então, o que é ditado pela sociedade possui um peso amplo, ou seja, eles creditam a sociedade como mais importante e influente em sua vida (MIRANDA, 2003), portanto, o que é aceito socialmente acaba sendo a meta para suas vidas e um objeto de felicidade.

Diante da ênfase dada à busca de um padrão social de beleza pelas mulheres como forma de conseguir status, felicidade e oportunidades, ser feia, significa, então, sofrimento psíquico. Sofrimento porque há uma desarmonia relacional com o outro ou com elas mesmas, estabelecendo relações adoecedoras consigo e com os outros, de forma neurótica, conforme Miranda (2003).

Nesses estados em que as mulheres se alienam de si, não há contato, já que não existe uma assimilação do novo e sim uma fixação e repetição quanto aquilo que é aceito como belo e/ou aquilo que é visto. E como trata-se de algo social, essa fixidez é compartilhada por um largo grupo de pessoas. O que ocorre é que esse sofrimento afeta diretamente as mulheres, já que são seus corpos e suas totalidades que são perpassados por esses conceitos. Em resumo, o fluxo de representações sociais em massa quando assimilados de forma não crítica cria uma abertura para o desenvolvimento de uma sociedade carente de contato e, portanto, alienada.

O adoecimento, para a abordagem gestáltica, é presente no estado em que os indivíduos se encontram com deficiências de contato. As fronteiras-de-contato desses indivíduos se encontram rígidas, já que não há a flexibilidade de discriminar o que é nutritivo e o que é tóxico. O ego é a função do *Self* responsável por fazer as escolhas quanto o que deve ser contatado ou não pelo indivíduo, na situação descrita anteriormente, se estabelece de forma rígida e não discriminativa.

Estar saudável representa estar em um movimento contrário a isso, ou seja, o indivíduo se mostra flexível e dinâmico no seu contatar (HOLANDA, 1998), fazendo relação com a totalidade já mencionada aqui, as mulheres que se apresentam saudáveis diante de todas as exigências sociais perante o ideal de belo, são aquelas que entram em contato com suas singularidades e estão em congruência entre seu modo de pensar, agir, sentir e suas experiências de vida e o que é colocado pela sociedade, estando em um relação de equilíbrio, desse modo, elas são capazes de se apoderar de sua criatividade, espontaneidade e

autenticidade, no processo de autossuficiência e de desenvolvimento de uma autoestima elevada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa monográfica buscou contribuir com a comunidade acadêmica e geral através de outras narrativas sobre um fenômeno social amplo e complexo que são os padrões estéticos e suas influências no processo de saúde da mulher no Brasil. Como tal, a temática conversa com vários setores da sociedade e sua discussão não tem finitude, já que atravessa as pessoas e campos fenomenológicos de formas diversas.

Compreendendo que esse fenômeno afeta cotidianamente as mulheres, se transforma e ganha rumos e complexidades alternativos a todo momento, se mantendo sempre atual e em movimento, cabe aludir que enquanto houver humanidade, os padrões estéticos e suas demandas perante a sociedade seguirão congruentes aos caminhos da coletividade histórica, cultural, econômica, política, psicológica, tecnológica, biológica e de saúde.

Objetivou-se, portanto, analisar as implicações dos padrões estéticos na saúde da mulher brasileira a partir de uma reflexão gestáltica, com os objetivos específicos de historicizar as mudanças ocorridas no padrão estético feminino e suas implicações sociais, caracterizar as representações sociais do feminino na sociedade brasileira do século XXI e compreender os processos de saúde e doença, a partir da interlocução com os conceitos de contato, fronteira-de-contato, *Self*, campo fenomenológico, neurose e ajustamentos criativos. Isso foi possível através de uma análise bibliográfica de livros e artigos de diferentes áreas para a compreensão desse fenômeno.

A reconhecida associação entre a beleza e as representações de feminino percorrem a sociedade ocidental durante a história e deixam marcas complexas no singular de cada mulher e homem, pois estes compartilham suas vidas e vivências nesse mundo. Essa associação representa, no entanto, um peso que é carregado arduamente pelas mulheres e que nas últimas décadas, com o avanço das tecnologias, mídias, globalização, e potencialização da cosmetologia essas entram em contato com demandas mais sufocantes e aceleradas.

Cabe a reflexão sobre quais são os setores da sociedade que se beneficiam com o sofrimento das mulheres, já que diante da complexidade desse fenômeno há uma necessidade de esforço, por parte de algumas mulheres, para se posicionar de forma contrária ao que é estabelecido pela sociedade.

O mercado estético é amplo. Desde produtos de higiene, vestimentas, cosméticos para corpo, rosto, cabelos, até alimentação voltadas para um consumo mais saudável e que acaba sendo acessado por aqueles que tem um maior poder aquisitivo na sociedade, e essa lógica segue o acesso aos exercícios físicos e acompanhamentos médicos, nutricionais,

psicológicos, chegando em intervenções mais extremas com modificações corporais de formas irreversíveis, como são as cirurgias plásticas.

Diante de tal complexidade, cabe pensar no grupo de pessoas que não pertencem ao grupo dos que têm privilégios diante dos padrões estéticos. A essas mulheres cabe a estigmatização e, caso elas não tenham um autossuporte desenvolvido, resta o sofrimento e o adoecimento. Em verdade, mesmo aquelas que se encontram no seletivo grupo de privilegiadas, ainda se encontram vulneráveis a tais estigmatizações, já que esses padrões estão dispostos em sociedade de maneira a limitar o público feminino a características pré-estabelecidas, a partir de construção das representações sociais do feminino.

A abordagem gestáltica e seu fundamento na compreensão da totalidade a partir da concepção do ser humano diante de um campo interacional, em que esse está em constante contato consigo e com o meio, muito contribui para uma leitura desse fenômeno a partir de sua visão sobre saúde e doença, que vai além de um caráter clássico patológico baseado em sintomas, e sim de percepção dos indivíduos em sua integralidade, expressão de sua singularidade, criatividade, autenticidade.

Propõe que essa leitura se estruture como uma forma de proporcionar às mulheres que possuem acesso a tais reflexões uma possibilidade de contrapartida ao que lhes é exposto cotidianamente e que essa visão possa contribuir para que cada pessoa entre em contato com suas próprias ponderações sobre o que foi enunciado na presente pesquisa e, assim, expresse sua autenticidade.

Pretende-se, a partir desse trabalho, contribuir com uma nova visão social e científica sobre essa temática, já que os estudos pela abordagem gestáltica são escassos, assim como é um assunto pouco abordado nos cursos de graduação em Psicologia. Também se espera que mais produções acadêmicas sobre o tema possam ser desenvolvidas, encontradas e difundidas, já que tal fenômeno está presente diariamente na vida de todas e todos que vivenciam a cultura brasileira e ocidental.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, E. M. N.; MENESES, J. R. Histórias do corpo e do feminino no Brasil do tempo presente. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, 2011.
- BÔAS, L. M. S. V.; CAMARGO, B. V.; ROSA, A. S. O pensamento social de universitários sobre beleza e cirurgia estética. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro: v.69, n.2, p.187-206, 2017.
- CALEIRO, R. C. L.; GUSMÃO, J. L. F. V. História, corpo, moda e questões sobre o feminismo. **Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**. n.53, 2012.
- CARDELLA, B. **A construção do psicoterapeuta – uma abordagem gestáltica**. São Paulo: Summus, 2017.
- CARVALHO, M. L. Compreendendo a auto-estima no enfoque da Gestalt Terapia. 2007. Monografia - Faculdade de Ciências da Saúde do Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2007.
- CASTRO, A.; GIACOMOZZI, A. I.; CAMARGO, B. V. Representações sociais, zona muda e práticas sociais femininas sobre envelhecimento e rejuvenescimento. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**. Londrina: v. 9, n. 2, p. 58-77, 2018.
- CHEUNG-LUCCHESI, T.; ALVES, C. S. Percepção do corpo feminino e os comportamentos de consumo de serviços de estética. **Organizações em contexto**. São Bernardo do Campo: v.9, n.18, 2013.
- CUNICO, S. D. et al. Toda mulher sonha em ser princesa? Problematizações sobre Escolas de Princesas. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**. São Paulo: v.20, n.2, p.175-187, 2018.
- FERRAZ, S. B.; SERRALTA, F. B. O impacto da cirurgia plástica na auto-estima. **Estudos e pesquisas em psicologia**. Rio de Janeiro: ano 7, n. 3, 2007.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2002. Apostila. Disponível em: <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila_-_METODOLOGIA_DA_PESQUISA%281%29.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

GHISLENI, P. C.; LUCAS, D. C. Eu-pele: o corpo feminino como lugar de significação e empoderamento da mulher. **Salão do Conhecimento**, [S.l.], 2016.

GINGER, S.; GINGER, A. **Gestalt: uma terapia do contato**. São Paulo: Summus, 1995.

HEINZELMAN, F. L. et al. Corpos em revista: a construção de padrões de beleza na Vogue Brasil. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte: v. 18, n. 3, p. 470-488, 2012.

HOLANDA, A. Saúde e doença em Gestalt-Terapia: aspectos filosóficos. **Estudos de Psicologia**. V.15, n.2, 1998.

JAGER, M. E. et al. O corpo como meio de aceitação e inserção social: contribuições a partir de Jeffrey Young. **Boletim de Psicologia**. v. LXVIII, n.146, p.037-050, 2017.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____. (Org.). **As Representações Sociais**. Tradução Lílian Ulup. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, p. 17- 44, 2001.

KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. In: G. Groeninga & R. Pereira (Orgs.). **Direito de família e psicanálise: rumos a uma nova epistemologia**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MIRANDA, S. F. O “feio e o belo”: reflexões sobre os efeitos de uma ideologia do corpo. **Psicolatina**. v. 22, p.1-8, 2011.

MIRANDA, W. B. **Saúde e doença em Gestalt-Terapia**. 2003. Monografia - Faculdade de Ciências da Saúde do Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2003.

MONTEFUSCO, E. V. R.; LIMA, A. F. Jovem para sempre! publicidade em revistas femininas e suas promessas de administração do tempo. **Revista Psicologia e Saúde**. v. 7, n. 1, p. 18-29, 2015.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F. N. N. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. **Psicol. UsP**. São Paulo: v.19, n.1, p.59-79, 2008.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: Investigações em psicologia social.** (Pedrinho Guareschi, trad.). Petrópolis: Vozes, 2007.

MOTA-RIBEIRO, S. **Retratos de mulher: Construções sociais e representações visuais do feminino.** Campo de Letras: Editores, S. A., 2005.

MULLER-GRANZOTTO, M. J.; GRANZOTTO, R. L. Gênese Fenomenológica da Noção de Gestalt. **Revista do X Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica.** 2004.

NASCIMENTO, C. M.; SILVA, L. C. A. Sujeito mulher: a imagem da beleza. **Revista Subjetividades.** Fortaleza: v.14, n.2, p.343-357, 2014.

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. De cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Rev. Interações.** v.8, n.15, p. 9-36, 2003.

PERLS, F. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia.** Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos, Editora S.A., 1988.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-Terapia.** São Paulo: Summus, 1997.

PINHEIRO, M. C. T.; FIGUEREDO, P. M. V. Padrões de beleza feminina e estresse. **Revista CADE.** Rio de Janeiro: v. 11, n. 1, 2012.

REY, F. L. G. **Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios.** Cengage Learning Edições LTDA, 2005.

RIBEIRO, J. P. **O Ciclo do Contato: temas básicos na abordagem gestáltica.** São Paulo: Summus, 2017.

RUSSO, R. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção.** Espírito Santo de Pinhal, SP: v.5, n.6, 2005.

SAMPAIO, R. P. A.; FERREIRA, R. F. Beleza, identidade e mercado. **Psicologia em Revista.** Belo Horizonte: v. 15, n. 1, p. 120-140, 2009.

SANT'ANNA, D. B. Corpo e embelezamento feminino no Brasil. **Iberoamericana.** v.III, n.10, p.143-151, 2003.

SILVA, T. C. D.; BAPTISTA, C. S.; ALVIM, M. B. O contato na situação contemporânea: um olhar da clínica da Gestalt-Terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies**. v.XXI, n.2, p.193-201, 2015.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

SWAIN, T. N. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. **História: Questões & Debates**. Curitiba: n. 34, p. 11-44, 2001.

VILHENA, J.; MEDEIROS, S, NOVAES, J. V. A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade. **Revista mal-estar e subjetividade**. Fortaleza: n. 1, v. V, p. 109 – 144, 2005.

WITZEL, D. G. Discurso, história e corpo feminino em antigos anúncios publicitários. **Alfa**. São Paulo: v.58, n.3, p. 525-539, 2014.